

2º Domingo Tempo Comum – ANO C

A Liturgia deste Domingo nos apresenta a imagem do casamento como a imagem que exprime de forma privilegiada a relação de amor que Deus (o marido) estabeleceu com seu Povo (a esposa). A questão fundamental nesta liturgia é, portanto a revelação do amor de Deus.

A Primeira Leitura define o amor de Deus como um amor inquebrável e eterno, que continuamente renova a relação e transforma a esposa, sejam quais forem suas falhas passadas. Nesse amor nunca desmentido, reside a alegria de Deus.

Depois do edito de Ciro rei da Babilônia, que autoriza a volta dos judeus do exílio e a reconstrução de Jerusalém (538 ou 537 a.C.), o profeta Isaías vê novamente a cidade da história da salvação envolvida pelo amor de Deus. É uma época em que se veem pela cidade as marcas da destruição, os poucos habitantes vivendo em condições de extrema pobreza, perseguidos pelo fantasma da humilhação passada, acossados pelos inimigos, esperam a restauração do Templo e sonham com uma Jerusalém nova, outra vez bela e cheia de filhos, e que viva finalmente em paz.

O amor de Deus é descrito pelo profeta com termos inspirados numa festa de núpcias, aos quais, porém, se acrescenta uma terminologia que evidencia o conteúdo salvífico de sua mensagem. O encontro de Deus com Jerusalém é justiça, isto é sinal de sua atividade salvífica; é glória, isto é, sinal de que Deus ainda está no meio de seu Povo; é salvação, pois Deus resgatou aquela que estava abandonada e devastada (o povo em exílio ou humanidade afastada de Deus) e a desposou, lembrando-lhe seu amor por ela. O profeta não sublinha uma reconciliação do marido e da esposa, mas as novas núpcias, o começo de algo novo. O profeta quer sublinhar o rejuvenescimento operado por Deus na esposa, a novidade inesgotável do amor de Deus que, sem se mostrar marcado pelo passado, “desposa” á cidade/noiva e passa chamar-lhe minha preferida. O mais marcante vai para a apresentação de um Deus que não esquece o seu amor e que, apesar das falhas da esposa no passado, continua a amar. Esse amor que é inquebrável que vai rejuvenescer a relação, que vai possibilitar um novo casamento e que vai transformar a esposa infiel numa coroa

esplendorosa, num diadema real que brilha nas mãos do rei/Deus. Também é de sublinhar a “alegria” de Deus pelo refazer da relação: o Deus da “aliança” quer, com toda a força do seu amor, fazer caminho ao lado do seu Povo; e só está feliz quando o homem aceita esse amor que Deus quer partilhar e que enche o coração do homem de paz, de vida e de felicidade.

Diante deste contexto que no Evangelho de hoje, Jesus, sua mãe e seus discípulos convidados para uma festa de casamento, as Bodas de Caná. Vejamos alguns fatos que ilustram esse texto de hoje.

- Primeiro: bodas – símbolo ao amor entre o esposo e a esposa, como vimos na primeira leitura à nova aliança de amor de Deus com seu povo, o refazer. Está nova aliança agora está em Jesus, o Messias, o amor total de Deus para com seu povo, o envio de seu próprio Filho.

- Segundo: Não tem vinho: a expressão costuma-se entender como um pedido de um milagre. A exegese moderna tende a fixar-se em que a frase não passa duma forma de pôr em relevo uma situação irremediável, de molde a fazer sobressair o milagre.

- Terceiro: A Mãe de Jesus; Ela estava lá, presente e percebe a situação, e vai a seu Filho. O texto de João fala da Mãe de Jesus, como se ela não possuísse um nome, é como o seu ser identificasse como ser Mãe de Jesus, a sua grande dignidade. O Evangelho de João fala duas vezes esse termo a Mãe de Jesus, neste das bodas e depois no capítulo 19, ao pé da cruz. Maria é a primeira discípula de Jesus, quando deu seu Sim a Gabriel. Ela assume esse discipulado como estilo de vida e, assim, seus gestos, suas palavras, seus sentimentos, seu jeito de servir-fazer estão direcionados para o próprio Jesus. Ela é Mãe de Jesus, mas também se apresenta como sua discípula. Dessa forma, a primeira das discípulas dá o tom do que vem a ser o verdadeiro discipulado, fazer a vontade de Jesus.

- Quarto: o dialogo traçado entre Jesus e sua Mãe: ***“Então a Mãe de Jesus disse-Lhe: «Não têm vinho». Jesus respondeu-Lhe: Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora”.***

A primeira vista, podemos pensar como Jesus foi áspero com sua mãe, que resposta dura Ele deu. Mas analisando e vendo posições hoje de várias exegetas podemos colocar essa expressão de outra forma; Para os que a entendem como a de *fazer milagres*, uns pensam que Jesus se escusa: “que temos que ver com isso Tu e Eu?” (= porque me importunas?), com efeito, ainda não chegou a minha hora, e só a insistência de Maria é que levaria à antecipação desta hora; ao passo que outros (na linha de alguns Padres) entendem a frase como de um completo acordo: “que desacordo há entre Mim e Ti? porventura já não chegou a minha hora?”; assim se justificaria melhor a ordem que Maria dá aos serventes.

Notamos também a utilização da expressão Mulher – nesse texto e no capítulo 19 do Evangelho de João, Jesus refere-se a sua Mãe como mulher, na hora de seu primeiro milagre e manifestação e ao pé da cruz na hora de sua morte, e também são os textos que trazem a expressão a Mãe de Jesus. Aquela que já possui no título de Mãe a dignidade de quem é.

- Quinto: Maria pede aos servos que façam tudo o que Ele disser e Jesus atende ao pedido e transforma água em vinho. A abundância do vinho e bom vinho é sinal messiânico e, unida ao conceito da hora, é sinal de eucaristia. O vinho novo, sinal da salvação. E seus discípulos creram nele.

E seus discípulos creram nele diante do primeiro sinal, milagre da manifestação de Jesus, e de quem Ele é e a que veio trazer a nova aliança, as novas núpcias de Deus com seu Povo.

Os discípulos representam nesse momento a Igreja que nasce e crê no Cristo. Uma Igreja pluralista e Una em torno da Trindade Santa. E é isso que o Apóstolo Paulo na carta aos Coríntios mostrará a nós.

Os capítulos 12-14 da primeira Carta de Paulo aos Coríntios constituem uma seção consagrada ao bom uso dos carismas. Carisma é uma palavra tipicamente paulina (aparece 14 vezes nas cartas de Paulo e só uma vez no restante do Novo Testamento) que, no sentido amplo, designa qualquer Graça ou dom concedido por Deus, independentemente do posto que a pessoa ocupe dentro da hierarquia

eclesial. Paulo enumera neste texto diferentes tipos de carismas, no entanto deixa bem claro que apesar da diversidade, todos eles reportam ao mesmo Deus, ao mesmo Senhor e ao mesmo Espírito. Essa multiplicidade deve ser vista como algo salutar. Não podemos viver sob a ditadura do que é singular e absoluto. Somos plurais em nossas relações e em outros aspectos. Paulo ensina que dons, ministérios e atividades devem ser pensados como plurais, sob a tutela e unificação do Espírito. O que vale, portanto, é a unidade do corpo que resulta do exercício da pluralidade. Com isso, os dons e carismas que temos devem nos ajudar a construir a comunidade. Tudo o que somos e temos pertence à comunidade. Deus jamais concede algo para favorecer o império do individualismo. Na verdade Deus pensa de forma comunitária e relacional.

Vejam os exemplos de nossas famílias, comunidade eclesial, social, e religiosa. Pessoas diferentes que se unem por um objetivo comum, apesar da pluralidade se completam.

Paulo critica aqueles que querem ser donos do Espírito, por se acharem melhores que outros que com essas atitudes levavam à comunidade a divisão. É necessário ter bem presente que os carismas são sempre um dom gratuito de Deus, que não depende de nossos méritos pessoais. Na lógica de Paulo, se vivermos separados, sucumbimos no isolamento. E se nos aproximarmos, complementaremos o que falta ao outro, a fim de que o corpo cresça em unidade.

Que possamos todos nós irmãos e irmãs, ao bebermos do Vinho Novo que é Jesus, sermos verdadeiros discípulos a exemplo de Maria, Mãe de Jesus, e colocarmos nossos dons e carismas a serviço de nossas comunidades, para que cheguemos ao final à contemplação da Jerusalém Nova, da Jerusalém Celeste, unidos a Trindade Santa. AMÉM.